

Laboratório de Psicologia, 10(1): 97-110 (2012)

© 2012, I.S.P.A.

Adaptação e validação preliminar dum versão portuguesa do Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social

Pedro Pechorro
Rui Xavier Vieira

Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL)

Duarte Nuno Vieira

Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses (INMLCF)

Resumo

A presente investigação teve como objectivo contribuir para a validação portuguesa do Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (APSD) versão de auto-resposta, medida que avalia traços psicopáticos em jovens. Recorrendo a 760 participantes adolescentes de ambos os sexos divididos em grupo forense (n=250) e grupo escolar (n=510) foram demonstradas algumas propriedades psicométricas que na generalidade justificam a sua utilização na população adolescente portuguesa, nomeadamente a nível de validade factorial, consistência interna, estabilidade temporal, validade discriminante, validade divergente, validade convergente, validade concorrente, validade retrospectiva e ponto de corte.

Palavras-chave: Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (APSD-SR), Psicopatia juvenil, Validação.

Abstract

The present study had the purpose of contributing to the Portuguese validation of the Antisocial Process Screening Device (APSD) self-report, a measure that assesses psychopathic traits in youths. With a total of 760 participants, male (n=543) and female (n=217), divided in an inmate forensic sample (n=250) and a community sample (n=510) we were able to demonstrate some psychometric properties that justify its use with the Portuguese juvenile population, in terms of factor structure, internal consistency, temporal stability, convergent validity, divergent validity, concurrent validity, retrospective validity, and cutoff score.

Key-words: Antisocial Process Screening Device (APSD-SR), Juvenile psychopathy, Validation.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Pedro Pechorro; Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Av.^a Prof. Egas Moniz, Hospital de Santa Maria, Cidade Universitária, 1649-028 Lisboa; E-mail: ppechorro@gmail.com

A ideia de que alguns jovens se envolvem transitoriamente em actividades criminais enquanto outros persistentemente adoptam as actividades criminais como forma de vida é conhecida desde há algum tempo (Moffitt, 1993). As investigações empíricas têm sistematicamente demonstrado que uma pequena minoria de jovens é responsável pela maioria dos crimes graves e violentos (e.g., Baron, 1995) e que os delinquentes que se iniciam precocemente nas actividades criminais têm probabilidades acrescidas de se tornarem delinquentes crónicos (e.g., Farrington, Loeber, & Kalb, 2001). Tal constatação tem levado os investigadores a identificar variáveis importantes que possam ajudar a explicar o fenómeno da delinquência juvenil grave e persistente. Uma dessas variáveis é a psicopatia, que até recentemente era quase ignorada por psicopatologistas e por psicólogos forenses (Verona, Sadeh, & Javdani, 2010). Tomando o constructo da psicopatia em homens adultos, os investigadores têm vindo a modificar os instrumentos de avaliação de forma a torná-los adequados a serem utilizados com jovens (Frick & Hare, 2001; Hare, 1991). A presença ou ausência de traços psicopáticos pode auxiliar a identificar trajectórias etiológicas de desenvolvimento de comportamentos anti-sociais, sendo que a importância desses traços na avaliação de delinquentes juvenis graves e persistentes tem vindo a ganhar progressivamente mais apoio (Kotler & McMahon, 2005). A investigação empírica sugere que os jovens com traços psicopáticos salientes iniciam as suas actividades criminais mais precocemente e cometem mais crimes violentos e não-violentos (Caputo, Frick, & Brodsky, 1999; Forth, 1995; Kruh, Frick, & Clements, 2005). Também demonstram ter mais problemas de comportamento (Frick, O'Brien, Wootton, & McBurnett, 1994) e níveis mais altos de narcisismo (Barry, Grafeman, Adler, & Pickard, 2007).

O Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (*Antisocial Process Screening Device* – APSD; Frick & Hare, 2001) é uma medida especificamente concebida para avaliar traços psicopáticos em crianças e adolescentes. A versão de auto-resposta (APSD-SR) é apenas utilizada com adolescentes a partir dos 12 anos. O APSD foi originalmente modelado a partir da *Psychopathy Checklist – Revised* (PCL-R; Hare, 2003) como instrumento de despiste. Tem havido alguns desacordos quanto à sua estrutura factorial. Enquanto alguns autores (e.g., Frick, O'Brien, Wootton, & McBurnett, 1994; Pardini, Lochman, & Frick, 2003) defendem uma estrutura bi-dimensional constituída por traços calosos/não-emocionais (CU) e por problemas de impulsividade/comportamento (I-CP), estudos efectuados com amostras maiores (e.g., Dadds, Fraser, Frost, & Hawes, 2005; Frick, Barry, & Bodin, 2000; Frick, Bodin, & Barry, 2000; Fung, Gao, & Raine, 2010) demonstram que o APSD também pode ser conceptualizado como uma estrutura tri-dimensional composta por traços calosos/não-emocionais (CU), impulsividade (Imp) e narcisismo (Nar). Outros autores (e.g., Fite, Greening, Stoppelbein, & Fabiano, 2009) encontraram evidências que apoiam tanto uma estrutura bi-dimensional como uma estrutura tri-dimensional.

Um dos primeiros estudos a evidenciar uma estrutura de três factores foi efectuado por Frick, Bodin e Barry (2000). Utilizando uma amostra comunitária de grande dimensão ($n=1136$) e uma amostra clínica ($n=160$) efectuaram procedimentos de análise factorial confirmatória que demonstraram fornecer apoio ao modelo tri-dimensional ($\chi^2=198.42$, $p \leq .001$, CFI=.92, NNFI=.91). Todavia, o apoio a este modelo está longe de ser unanime. Um estudo de Fritz, Ruchkin, Kaposov e Klinteberg (2008) com o APSD-SR, que utilizou uma amostra de delinquentes juvenis detidos ($n=250$), encontrou índices de ajustamento fracos tanto para o modelo de três factores [$\chi^2=547.8$ (149), NFI=.681, CFI=.742, RMSEA=.076 (.069-.083)] como para o modelo de dois factores factor [$\chi^2=599.4$ (103), NFI=.526, CFI=.566, RMSEA=.102 (.094-.110)]. Como segunda opção os autores utilizaram uma análise de componentes principais (ACP) que forneceu algum apoio ao modelo de três factores.

Muñoz e Frick (2007) analisaram outras propriedades psicométricas do APSD-SR. Enquanto a consistência interna total do APSD teve uma amplitude de .78 a .81, a consistência interna das sub-

-escalas este geralmente abaixo dos níveis aceitáveis para investigação confirmatória (.50 to .68). A estabilidade do APSD-SR também foi analisada no seu estudo. Para a pontuação total a estabilidade a um ano foi de .70 a .72 e a estabilidade a dois anos foi de .64. As subescalas do APSD demonstraram menos estabilidade, nomeadamente .49 a .63 ao longo de um ano e .43 a .63 ao longo de dois anos. Estes autores também encontraram associações entre o APSD e outras medidas de comportamento anti-social a nível de validade concorrente e preditiva, como a encontrada com a *Self-report of Delinquency Scale* (SDS; Elliott & Ageton, 1980), particularmente ao nível da impulsividade.

Frick, Barry e Bodin (2000) evidenciaram que a associação entre APSD e os sintomas de Perturbação do Comportamento foi de .48 para a pontuação total, .65 para narcisismo, .58 para impulsividade e .52 para o factor traços calosos/não-emocionais. De acordo com estes autores estas correlações fornecem evidências consistentes da validade concorrente do APSD-SR. Noutro estudo, Lee, Vincent, Hart e Corrado (2003) analisaram a validade concorrente do APSD-SR com o PCL:YV (Hare, 2003), tendo concluído haver correlações moderadas e estatisticamente significativas entre as medidas. Todavia, foi encontrada uma eficiência preditiva baixa entre o APSD-SR e o PCL:YV usando um ponto de corte de 25. Os autores reexaminaram os seus resultados utilizando uma divisão pela mediana relativamente à idade e encontraram uma boa eficiência preditiva para o grupo de 17-19 anos mas não para o grupo 14-16 anos.

É inquestionável que o conceito da psicopatia juvenil tem vindo progressivamente a ganhar importância na teoria e na prática forense (Salekin & Lynam, 2010). O esforço de investigação que tem vindo a ser investido no desenvolvimento de medidas que exploram o constructo da psicopatia em crianças e adolescentes é extremamente meritório se tivermos em mente as possibilidades de identificação precoce e tratamento (Salekin, 2010). Todavia, a utilização do constructo de psicopatia, originalmente desenvolvido para ser utilizado com homens adultos, ainda gera algumas controvérsias quando aplicado a crianças e a adolescentes (Seagrave & Grisso, 2002), pelo que é necessária mais investigação.

O objectivo principal do presente estudo consiste em fornecer contributos para a validação de uma versão portuguesa de um dos instrumentos psicométricos mais utilizados a nível internacional na avaliação da psicopatia juvenil (Patrick, 2010), nomeadamente o Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (*Antisocial Process Screening Device* – APSD; Frick & Hare, 2001), de forma a facilitar e promover a investigação deste importante constructo na realidade nacional portuguesa. Para tal pretende-se demonstrar algumas das principais propriedades psicométricas do instrumento que justifiquem a sua utilização, nomeadamente a nível de validade factorial, consistência interna, estabilidade temporal, validade discriminante, validade divergente, validade convergente, validade concorrente, validade retrospectiva e pontos de corte.

Método

Participantes

O grupo forense foi recrutado em seis Centros Educativos a nível nacional pertencentes à Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS) do Ministério da Justiça. Duzentos e cinquenta participantes (leque etário=13-20 anos; $M=15.81$ anos; $DP=1.32$ anos), do sexo masculino ($n=221$; leque etário=13-20 anos; $M=15.86$ anos; $DP=1.31$ anos) e do sexo feminino ($n=29$; leque etário=13-18 anos; $M=15.45$ anos; $DP=1.35$ anos), concordaram em participar voluntariamente no estudo. Todos os participantes se encontravam detidos por ordem judicial.

O grupo escolar foi aleatoriamente recrutado em escolas públicas da região da grande Lisboa. Quinhentos e dez participantes (leque etário=12-20 anos; $M=15.92$ anos; $DP=1.48$ anos), do sexo masculino ($n=322$; leque etário=12-20 anos; $M=16.03$ anos; $DP=1.62$ anos) e do sexo feminino ($n=188$; leque etário=13-20 anos; $M=15.87$ anos; $DP=1.41$ anos), concordaram em participar depois de terem sido informados do carácter voluntário e confidencial.

Os participantes provenientes do grupo forense e do grupo escolar diferiram estatisticamente nalgumas variáveis moderadoras. O grupo forense tinha menos participantes do sexo feminino ($\chi^2=5.484$, $p\leq.001$), menos europeus brancos ($\chi^2=38.776$, $p\leq.001$), menor proveniência urbana ($\chi^2=18.580$, $p\leq.001$), menos anos de escolaridade ($F=1194.506$, $p\leq.001$), pais com menor nível sócio-económico ($U=33514$, $p\leq.001$) e mais pais divorciados/falecidos ($\chi^2=127.898$, $p\leq.001$). Não se encontraram diferenças estatisticamente significativas relativamente à idade e à nacionalidade.

Medidas

O Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social versão de auto-resposta (*Antisocial Process Screening Device* – APSD-SR; Frick & Hare, 2001; Pechorro, 2011) é uma medida psicométrica multi-dimensional de 20 itens projectada para avaliar traços psicopáticos em adolescentes. Originalmente chamado *Psychopathy Screening Device* (PSD), foi modelado a partir da *Psychopathy Checklist – Revised* (PCL-R; Hare, 2003). Cada item é cotado numa escala ordinal de 3 pontos (Nunca=0, Algumas vezes=1, Frequentemente=2), sendo que pontuações mais altas significam a elevação da presença dos traços em questão. A pontuação total e as pontuações de cada dimensão são obtidas somando os respectivos itens. Alguns estudos (e.g., Frick, O'Brien, Wootton, & McBurnett, 1994) evidenciam a existência de dois factores: traços calosos/não-emocionais (CU) com seis itens (que explora dimensões interpessoais e afectivas da psicopatia como a falta de culpa e a ausência de empatia) e impulsividade/problemas de comportamento (I-CP) com 10 itens (que explora aspectos comportamentais a nível de problemas de comportamento e controlo de impulsos). Outros estudos (e.g., Frick, Barry, & Bodin, 2000) evidenciam a existência de três factores: traços calosos/não-emocionais (CU), que permanece praticamente igual, enquanto o factor I-CP se subdivide em outros dois factores, nomeadamente narcisismo (Nar) e impulsividade (Imp). Pontuações mais elevadas indicam a presença das características associadas a cada factor.

Foi obtida autorização para traduzir e validar o APSD-SR para a população portuguesa junto do autor principal (Frick & Hare, 2001). Seguiram-se os procedimentos apropriados (Hambleton, 2001; Van de Vijver & Hambleton, 1996) durante a tradução e a retroversão do instrumento, tendo-se contado com a colaboração de duas tradutoras independentes bilingues licenciadas em Português-Inglês e professoras do ensino secundário. Uma tradutora fez a tradução para português, tendo a outra feito a respectiva retroversão para inglês, que foi então comparada com o instrumento original. Quando o resultado da tradução foi considerado como estando num estado suficientemente avançado foram feitas algumas aplicações experimentais no terreno que permitiram aperfeiçoar a linguagem utilizada de forma a torná-la mais directa e facilmente entendível pelos jovens.

A Escala de Auto-Estima de Rosenberg (*Rosenberg Self-Esteem Scale* – RSES; Rosenberg, 1979, 1989) é uma medida breve de auto-resposta que avalia a auto-estima em adolescentes e adultos. A RSES pode ser cotada simplesmente somando os dez itens em escala ordinal de 4 pontos (Discordo fortemente=0, Discordo=1, Concordo=2, Concordo fortemente=3), após se ter efectuado a reversão dos itens apropriados (nomeadamente os itens 2, 5, 6, 8 e 9). Pontuações mais altas indicam níveis de auto-estima mais altos. Pechorro, Marôco, Poiares e Vieira (2011) procederam à validação da RSES com adolescentes portugueses, evidenciado, através de análise de componentes principais, a existência

de uma estrutura unidimensional responsável por 35.33% da variância; as propriedades psicométricas a nível de estabilidade temporal ($r_s=.86$; $p\leq.01$), validade discriminante (Λ Wilks=.961; $\chi^2=29.806$; $p\leq.001$) e validade divergente ($r=.10$; ns) foram consideradas boas. No presente estudo a consistência interna por alfa de Cronbach foi de .79, a correlação média inter-itens foi de .27 e a amplitude de correlações item-total corrigidas foi de .27–.62. Esta escala foi utilizada na validade divergente.

A Escala Taxonómica para Crianças e Adolescentes (*Child and Adolescent Taxon Scale – CATS*; Harris, Rice, & Quinsey, 1994; Pechorro, 2011; Quinsey, Harris, Rice, & Cormier, 2006) é uma *rating scale* actuarial desenvolvida através de probabilidades Bayesianas. É constituída por oito itens dicotómicos (Não=0; Sim=1) relacionados com conduta anti-social e agressiva na infância e adolescência que permitem discriminar os indivíduos pertencentes à categoria anti-social (psicopatas *versus* não-psicopatas), nomeadamente: (1) Má adaptação durante a escolaridade básica (pelo menos um problema menor de disciplina ou de assiduidade); (2) Problema de álcool na adolescência; (3) Problema de agressividade na infância (pelo menos uma agressão física ocasional menor antes dos 15 anos); (4) Problema comportamental antes dos 15 anos (três ou mais critérios de perturbação anti-social da lista B do DSM); (5) Suspensão ou expulsão da escola; (6) Detenção antes dos 16 anos; (7) Progenitores alcoólicos; (8) Coabitação com ambos os progenitores biológicos até aos 16 anos (excepto por morte de progenitor). A consistência interna para o presente estudo, calculada por coeficiente Kuder-Richardson, obteve um valor de .67. Esta escala foi utilizada na validade convergente.

A Escala de Delinquência Auto-reportada Adaptada (*Adapted Self-reported Delinquency Scale – ASRDS*; Carroll, Durkin, Houghton, & Hattie, 1996) é uma medida de auto-resposta adaptada constituída por 38 itens que mede o envolvimento dos adolescentes em actividades ilegais e anti-sociais. A ASRDS pode ser cotada somando os itens em escala ordinal de 3 pontos (Nunca=0, Algumas vezes=1, Frequentemente=2), sendo que pontuações mais altas indicam maior envolvimento em actividade criminal. Pechorro (2011) procedeu à validação da RSES com adolescentes portugueses, evidenciado através de análise de componentes principais a existência de uma estrutura unidimensional responsável por 42.06% da variância. As propriedades psicométricas a nível de estabilidade temporal ($r=.88$; $p\leq.01$), validade discriminante (Λ Wilks=.51; $\chi^2=508.88$; $p\leq.001$), validade divergente ($r=-.13$; $p\leq.01$), validade convergente ($r=.66$; $p\leq.01$), validade concorrente ($r_{pb}=.40$; $p\leq.01$), validade retrospectiva ($r=-.44$; $p\leq.01$) e ponto de corte (PC=16, sensibilidade de 86.4%, especificidade de 85.5%, área ROC de .86) foram consideradas boas. No presente estudo a consistência interna por alfa de Cronbach foi de .96, a correlação média inter-itens foi de .38 e a amplitude de correlações item-total corrigidas foi de .32–.80. Esta escala foi utilizada na validade convergente.

Adicionalmente foi construído um questionário sócio-demográfico e criminal para descrever as características dos participantes e analisar o potencial efeito moderador dessas variáveis. A parte sócio-demográfico do questionário incluiu questões como a idade dos participantes, a sua nacionalidade, grupo étnico, o sexo, a proveniência rural *versus* urbana, os anos de escolaridade completados, o nível sócio-económico dos pais e o estado civil dos pais. A parte criminal do questionário incluiu questões como a idade do primeiro crime cometido e do primeiro problema com a lei. Foi também utilizado o diagnóstico de Perturbação de Comportamento da DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2000).

Procedimentos

O leque etário para participação dos jovens na investigação foi previamente fixado entre os 12 anos e os 20 anos dado ser esse o intervalo etário abrangido pela Lei Tutelar-Educativa no sistema judicial português. Contou-se com a colaboração dos Directores dos Centros Educativos e das Escolas no

sentido de motivar os eventuais participantes a colaborar na investigação, o que provavelmente contribuiu para aumentar a taxa de participação. Os questionários aplicados eram precedidos por um termo de consentimento informado em que se explicava o propósito da investigação e em que era dado conhecimento do carácter voluntário e confidencial de participação; os conteúdos do termo eram também transmitidos verbalmente, estando o investigador disponível para esclarecer qualquer questão que surgisse. Os questionários foram aplicados individualmente pelo primeiro autor deste artigo em salas previamente preparadas de forma a que não houvessem distrações externas e a evitar que os participantes ficassem sozinhos. A sequência de aplicação foi a seguinte: questionário sócio-demográfico e criminal, RSES, APSD-SR, ASRDS, CATS e diagnóstico de Perturbação do Comportamento do DSM-IV-TR. O tempo médio de aplicação foi de 20 minutos.

A recolha dos questionários em meio forense decorreu após se ter obtido autorização por parte da Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS), Ministério da Justiça. Foram feitas aplicações em todos os Centros Educativos existentes a nível nacional. Nem todos os jovens concordaram ou puderam participar, sendo que a não participação incluiu motivos como: recusa em participar, impossibilidade de participar devido a não entendimento da língua portuguesa e impossibilidade de participar devido a questões de segurança (e.g., isolamento em cela de detenção). A taxa de participação foi de cerca de 90%. Todos os questionários dos jovens que participaram foram considerados válidos. No caso do grupo forense consultaram-se sistematicamente os dossiers que continham a documentação judicial de cada participante.

A recolha dos questionários em meio escolar decorreu após se ter obtido autorização por parte da Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC), Ministério da Educação. Foram aleatoriamente seleccionadas doze escolas básicas/secundárias da região da grande Lisboa, das quais quatro concordaram em participar. Os motivos da não participação incluíram ausência sistemática de resposta ao pedido de colaboração efectuado pelo investigador, alegadas questões relativas à organização interna das escolas que impossibilitaram a colaboração, além de recusa em colaborar devido ao conteúdo forense explícito do questionário. Uma das escolas que aceitou colaborar solicitou que a participação de cada aluno fosse previamente autorizada através de um termo de consentimento assinado pelo encarregado de educação, o que foi feito.

Resultados¹

Foram excluídos cerca de 13% dos participantes devido a estarem fora do intervalo etário estabelecido ou a motivos como terem entregado questionários não preenchidos, incompletos ou ilegíveis.

O primeiro passo na validação do APSD-SR na realidade portuguesa consistiu em confirmar a estrutura factorial obtida por Frick et al. (2000) em estudos prévios utilizando o programa informático EQS 6.1 (Bentler, 2004). Todavia, não se encontraram evidências através de análise factorial confirmatória (AFC) que apoiassem quer a estrutura original de dois factores [$\chi^2=865.12$, $p\leq.001$; $\chi^2/df=5.12$; GFI=.88; CFI=.72; RMSEA=.074 (.069-.079)] quer a mais recente estrutura de três factores [$\chi^2=552.85$, $p\leq.001$; $\chi^2/df=4.19$; GFI=.92; CFI=.77; RMSEA=.065 (.059-.070)], mesmo tendo em conta os índices de modificação, devido aos índices de ajustamentos fracos.

Uma vez que a abordagem confirmatória não se revelou viável, decidiu-se utilizar o procedimento de análise de componentes principais (ACP) do SPSS v19 (IBM SPSS, 2010) para explorar as dimensões empíricas. A utilização do procedimento exploratório foi considerado apropriado devido às diferentes estruturas factoriais obtidas por Frick et al. (1994, 2000). A medida de Kaiser-Myer-Olkin

¹ Os dados relativos aos questionários considerados válidos foram inseridos em SPSS v18. Após a inserção dos dados ter sido efectuada seleccionaram-se aleatoriamente 10% dos questionários inseridos de forma a avaliar a qualidade de inserção dos mesmos. A qualidade foi considerada muito boa dado que praticamente não foram detectados erros de inserção. Posteriormente os dados foram tratados em SPSS v19 (IBM SPSS, 2010) e EQS 6.1 (Bentler, 2004).

(.83) e o teste de esfericidade de Bartlett ($p \leq .001$) indicaram adequabilidade dos dados para efectuar análise factorial. Foi efectuada uma análise de componentes principais (ACP) sem rotação preliminar usando um critério igual ou superior a .30 de saturação (Nunnally & Bernstein, 1994). A ACP sugeriu a presença de uma solução de dois factores através dos critérios de *eigenvalue* e de *scree test*. Uma solução de dois factores foi de seguida forçada com os componentes a revelarem uma variância comum de 28.13%. As saturações em cada componente são demonstradas na Tabela 1. A matriz de correlações relativas aos factores revelou correlações positivas, algumas das quais foram altas (ver Tabela 2).

Tabela 1

Saturações dos itens no APSD-SR

		Factor 1	Factor 2
Item 1	Culpa os outros pelos erros	.57	
Item 2	Envolve-se em actividades ilegais	.54	
Item 3	Preocupa-se com o desempenho na escola (R)		.35
Item 4	Age sem pensar	.35	
Item 5	Sentimentos parecem superficiais e falsos	.45	
Item 6	Mente facilmente e com habilidade	.53	
Item 7	Cumprir as promessas que faz (R)		.54
Item 8	Gaba-se muito do que faz ou tem	.52	
Item 9	Fica facilmente aborrecido	.36	
Item 10	Usa ou engana as pessoas	.74	
Item 11	Goza as outras pessoas	.59	
Item 12	Sente-se mal ou culpado (R)		.59
Item 13	Faz coisas arriscadas ou perigosas	.55	
Item 14	Charmoso e simpático para conseguir coisas	.56	
Item 15	Zanga-se quando o corrigem ou castigam	.30	
Item 16	Pensa que é mais importante que os outros	.56	
Item 17	Não planeia antecipadamente as coisas	.46	
Item 18	Preocupa-se com os sentimentos dos outros (R)		.59
Item 19	Mostra os seus sentimentos (R)		.32
Item 20	Mantém os mesmo amigos (R)		.55
<i>Eigenvalue</i>		3.90	1.73
Variância		19.50%	8.63%

Nota. Saturações ausentes se $< .30$; (R)=itens reversíveis na versão portuguesa; tradução portuguesa integral do APSD-SR disponível por pedido ao primeiro autor.

Tabela 2

Matriz de correlações

	APSD Total	N-I	CU	Nar	Imp
APSD Total	1				
N-I	.91**	1			
CU	.57**	.18**	1		
Nar	.77**	.87**	.10**	1	
Imp	.75**	.83**	.14**	.52**	1

Nota. **Correlação *Pearson* significativa ao nível .01; N-I=Narcisismo-Impulsividade; CU=Traços calosos/não-emocionais; Nar=Narcisismo; Imp=Impulsividade.

O passo seguinte consistiu na estimação dos alfas de Cronbach, das correlações médias inter-itens e da amplitude de correlações item-total corrigidas (ver Tabela 3). A estabilidade temporal a três meses para o grupo forense revelou uma correlação alta e estatisticamente significativa ($r = .80$; $p \leq .01$). Apenas 88

participantes completaram a segunda avaliação, principalmente devido a terem sido transferidos para outros Centros Educativos ou por terem terminado a sua medida tutelar-educativa.

Tabela 3

Alfas de Cronbach, correlações médias inter-itens e leque de correlações item-total corrigidas para dimensões do APSD por grupos

		Grupo Total	Grupo Forense	Grupo Escolar
APSD Total	α Cronbach	.75	.70	.71
	CMII	.13	.11	.12
	LCITC	-.03-.55	-.06-.48	-.09-.59
N-I	α Cronbach	.77	.75	.77
	CMII	.20	.19	.21
	LCITC	.23-.57	.15-.52	.24-.61
CU	α Cronbach	.56	.54	.46
	CMII	.17	.16	.13
	LCITC	.20-.42	.07-.43	.10-.30
Nar	α Cronbach	.68	.67	.67
	CMII	.24	.24	.24
	LCITC	.21-.54	.17-.53	.22-.58
Imp	α Cronbach	.47	.40	.52
	CMII	.15	.12	.18
	LCITC	.16-.35	.09-.25	.25-.34

Nota. α Cronbach=Alfa de Cronbach; CMII=Correlação média inter-item; LCITC=Leque de correlações item-total corrigidas; N-I=Narcisismo-Impulsividade; CU=Traços calosos/não-emocionais; Nar=Narcisismo; Imp=Impulsividade.

A validade convergente do APSD-SR e das suas dimensões revelou correlações moderadas baixas estatisticamente significativas com a CATS e moderadas altas estatisticamente significativas com a ASRDS; a validade divergente do APSD-SR e das suas dimensões com a RSES revelou principalmente associações muito baixas ou não-existentes (ver Tabela 4).

Tabela 4

Validade convergente de APSD e suas dimensões com CATS e ASRDS e divergente com RSES

		Pearson r	Valor p
CATS	APSD Total	.34	$p \leq .01$
	N-I	.28	$p \leq .01$
	CU	.23	$p \leq .01$
	Nar	.20	$p \leq .01$
	Imp	.22	$p \leq .01$
ASRDS	APSD Total	.66	$p \leq .01$
	N-I	.60	$p \leq .01$
	CU	.37	$p \leq .01$
	Nar	.39	$p \leq .01$
	Imp	.51	$p \leq .01$
RSES	APSD Total	-.16	$p \leq .01$
	N-I	-.12	$p \leq .01$
	CU	-.15	$p \leq .01$
	Nar	-.00	<i>ns</i>
	Imp	-.23	$p \leq .01$

Nota. Pearson r =Correlação r de Pearson; N-I=Narcisismo-Impulsividade; CU=Traços calosos/não-emocionais; Nar=Narcisismo; Imp=Impulsividade; *ns*=não significativo

A validade concorrente com o diagnóstico de Perturbação de Comportamento do DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2000) revelou de algumas correlações bisseriais moderadas positivas e estatisticamente significativas (ver Tabela 5). A presença do diagnóstico de Perturbação de Comportamento foi codificada como 1 e a sua ausência como 0, tendo o diagnóstico sido efectuado pelo primeiro autor deste artigo.

Tabela 5

Validade concorrente com DSM-IV-TR Diagnóstico de Perturbação do Comportamento

	r_{pb}	Valor p
APSD Total	.33	$p \leq .01$
N-I	.29	$p \leq .01$
CU	.18	$p \leq .01$
Nar	.22	$p \leq .01$
Imp	.23	$p \leq .01$

Nota. r_{pb} =Correlação Bisserial por Ponto; N-I=Narcisismo-Impulsividade; CU=Traços calosos/não-emocionais; Nar=Narcisismo; Imp=Impulsividade.

A validade de critério retrospectiva do APSD-SR total com a variável Idade do primeiro crime cometido revelou a existência duma correlação negativa moderada baixa ($r = -.29, p \leq .01$), o mesmo se passando com a variável Idade do primeiro problema com a lei ($r = -.28, p \leq .01$). A validade de grupos conhecidos do APSD-SR e das suas dimensões foi calculada utilizando o Lambda de Wilks, sendo que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo forense e o grupo escolar [Λ Wilks=.639; $\chi^2=338.05$ (4); $p \leq .001$].

O ponto de corte óptimo foi estimado por recurso a regressão logística, tendo sido calculadas a sensibilidade, a especificidade e curva ROC para diferentes valores (ver Tabela 6). Estes três parâmetros foram utilizados simultaneamente para melhorar a eficiência classificatória. O ponto de corte escolhido foi o 12, que tem os melhores valores nestes três parâmetros. Seguidamente apresentam-se as estatísticas descritivas relativas às pontuações no APSD-SR por grupo forense e por grupo escolar (ver Tabela 7 e Tabela 8).

Tabela 6

Sensibilidade, especificidade e área ROC para diversos pontos de corte APSD total

	Sensibilidade	Especificidade	Área ROC	Valor p^*
PC 7	0%	100%	.60	$p \leq .001$
PC 8	0%	99.6%	.63	$p \leq .001$
PC 9	0%	100%	.66	$p \leq .001$
PC 10	0%	99.8%	.69	$p \leq .001$
PC 11	0%	99.8%	.71	$p \leq .001$
PC 12	74.4%	68.8%	.72	$p \leq .001$
PC 13	62.4%	75.9%	.69	$p \leq .001$
PC 14	0.4%	99.6%	.68	$p \leq .001$
PC 15	49.6%	85.1%	.67	$p \leq .001$
PC 16	43.2%	89.6%	.66	$p \leq .001$
PC 17	35.6%	92.7%	.64	$p \leq .001$
PC 18	29.6%	94.7%	.62	$p \leq .001$
PC 19	24%	95.9%	.60	$p \leq .001$

Nota. PC=Ponto de Corte; Sensibilidade=verdadeiros positivos; Especificidade=verdadeiros negativos; *Hipótese nula: área verdadeira=.5

Tabela 7

Estatísticas descritivas do APSD-SR e suas dimensões por grupo forense

	Grupo Forense									
	Masculino					Feminino				
	APSD	N-I	CU	Nar	Imp	APSD	N-I	CU	Nar	Imp
<i>n</i>	221	221	221	221	221	29	29	29	29	29
<i>M</i>	15.22	10	5.23	3.46	4.39	12.86	9.24	3.62	3.10	4.38
<i>DP</i>	5.15	4.43	2.35	2.63	1.81	4.57	4.17	2.08	2.08	1.90
Mínimo	4	2	0	0	0	6	2	0	0	1
Máximo	31	24	12	13	10	25	19	7	8	8
Assimetria	.45	.69	.09	1.12	.29	.75	.38	-.22	.65	.02
<i>EP Assimet</i>	.16	.16	.16	.16	.16	.43	.43	.43	.43	.43
Curtose	.01	.14	-.12	1.17	-.05	.53	.10	-.87	-.40	-.93
<i>EP Curtose</i>	.33	.33	.33	.33	.33	.85	.85	.85	.85	.85

Nota. APSD=APSD Total; N-I=Narcisismo-Impulsividade; CU=Traços calosos/não-emocionais; Nar=Narcisismo; Imp=Impulsividade; *n*=número de participantes; *M*=Média; *DP*=Desvio-padrão; *EP Assimet*=Erro-padrão da Assimetria; *EP Curtose*=Erro-padrão da Curtose.

Tabela 8

Estatísticas descritivas do APSD-SR e suas dimensões por grupo escolar

	Grupo Escolar									
	Masculino					Feminino				
	APSD	N-I	CU	Nar	Imp	APSD	N-I	CU	Nar	Imp
<i>n</i>	322	322	322	322	322	188	188	188	188	188
<i>M</i>	10.63	7.15	3.49	2.87	3.34	8.89	5.94	2.95	2.22	3.06
<i>DP</i>	4.84	4.33	1.96	2.40	1.87	3.74	3.36	1.58	1.82	1.63
Mínimo	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0
Máximo	32	24	9	13	9	22	18	8	9	8
Assimetria	1.25	1.23	.65	1.32	.67	.78	.81	.54	1.12	.54
<i>EP Assimet</i>	.14	.14	.14	.14	.14	.18	.18	.18	.18	.18
Curtose	2.83	2.16	.17	2.10	.27	.32	.61	.11	1.16	.40
<i>EP Curtose</i>	.27	.27	.27	.27	.27	.35	.35	.35	.35	.35

Nota. APSD=APSD Total; N-I=Narcisismo-Impulsividade; CU=Traços calosos/não-emocionais; Nar=Narcisismo; Imp=Impulsividade; *n*=número de participantes; *M*=Média; *DP*=Desvio-padrão; *EP Assimet*=Erro-padrão da Assimetria; *EP Curtose*=Erro-padrão da Curtose.

Discussão

O presente estudo teve como seu primeiro objectivo a análise das propriedades psicométricas do APSD-SR em jovens portugueses, uma medida que tem sido utilizada para avaliar traços associados com psicopatia (e.g., Caputo, Frick, & Brodsky, 1999; Muñoz & Frick, 2007). A análise de componentes principais (ACP) revelou uma estrutura de dois factores semelhante mas não idêntica (todos os itens saturaram em pelo menos um dos factores) à obtida por Frick et al. (1994). A questão da estrutura factorial é importante devido à discussão actual sobre como melhor conceptualizar e medir o constructo da psicopatia (e.g., categorial *versus* dimensional). As evidências obtidas no nosso estudo demonstram que o modelo de dois factores aparente ser o mais aceitável para a versão portuguesa do APSD-SR.

O primeiro factor encontrado foi um factor misto semelhante ao controle fraco dos impulsos/problemas de comportamento (I-CP). Este factor misto factor (itens 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16 e 17) pode ser dividido em narcisismo (itens 5, 8, 10, 11, 14, 15 e 16) e impulsividade (itens 1, 4, 9, 13 e 17). Os itens 2 e 6 que originalmente não saturavam em nenhum dos factores do APSD (Muñoz & Frick, 2007) saturaram neste factor. O segundo factor (itens 3, 7, 12, 18, 19 e 20) obtido foi semelhante ao de traços calosos/não-emocionais identificado por Frick et al. (1994). Outros autores (e.g., Fite, Greening, Stoppelbein, & Fabiano, 2009; Pardini, Lochman, & Frick, 2003) encontraram evidências que suportam a natureza bi-dimensional da psicopatia em jovens como a melhor e mais parcimoniosa opção, e tal parece aplicar-se também à realidade portuguesa.

Encontraram-se alguns problemas psicométricos. A análise da consistência interna revelou valores demasiadamente baixos (Cortina, 1993) para o factor traços calosos/não-emocionais e para o factor impulsividade, semelhantes aos encontrados por Muñoz e Frick (2007). Tais valores baixos põem em questão a fiabilidade das medições relativamente a estes dois factores quando tomados separadamente. Relativamente às correlações médias inter-itens encontraram-se também alguns problemas que revelam heterogeneidade dos itens. A pontuação total do APSD não atingiu o valor mínimo recomendado de .15 (Clark & Watson, 1995) na maioria dos casos apesar deste ter sido alcançado nos factores. Relativamente à amplitude da correlação item-total corrigida, o APSD total e os seus factores não atingiram na maioria dos casos o valor mínimo recomendado de .20 (Nunnally & Bernstein, 1994), o que indica associações fracas entre os itens.

Também foram encontrados aspectos positivos. A estabilidade temporal a três meses atingiu um valor estatisticamente significativo de .80, que é considerado um bom resultado (Kline, 2000), e é ainda melhor que o obtido por Muñoz e Frick (2007) no seu estudo sobre a estabilidade do APSD-SR. A validade convergente do APSD e dos seus factores com a CATS e com a ASRDS revelou correlações moderadas a moderadas altas e estatisticamente significativas; a correlação mais forte relativamente a cada escala foi obtida com o APSD total, demonstrando as sobreposições de constructo esperadas (DeVellis, 1991; Kline, 2000). A validade divergente com a RSES demonstrou na sua maioria associações muito fracas ou não-existentes, com excepção do factor impulsividade.

A validade concorrente do APSD e seus factores com o diagnóstico de Perturbação do Comportamento do DSM-IV-TR demonstrou correlações modestas estatisticamente significativas; a correlação mais forte foi obtida com o APSD total. Estas correlações ficaram aquém das correlações mais elevadas obtidas por Frick, Barry e Bodin (2000), mas foram semelhantes às obtidas por outros autores (e.g., Fung, Gao, & Raine, 2010). A validade de critério retrospectiva do APSD total com as variáveis Idade do primeiro crime cometido e Idade do primeiro problema com a lei revelou a existência de correlações negativas moderadas baixas e estatisticamente significativas. Tais correlações são indicativas de que, quanto mais precoce na vida do sujeito é o início na actividade criminal e o primeiro problema com a lei, mais altas tendem a ser as pontuações a nível de traços psicopáticos. A validade discriminante revelou que o APSD e os seus factores conseguem discriminar significativamente entre o grupo forense e o grupo escolar, conceptualizados como estruturalmente diferentes e mutuamente exclusivos (Marôco, 2010). A avaliação do ponto de corte óptimo teve em consideração três critérios: sensibilidade, especificidade e área ROC; o ponto de corte seleccionado foi 12 devido a ser o melhor balanceado nos três parâmetros.

De uma forma geral estes resultados fornecem apoio adicional à extensão do constructo de psicopatia aos adolescentes e à sua potencial generalização através diferentes culturas/etnias, no nosso caso em particular a latina/portuguesa. Podemos concluir que foi possível demonstrar propriedades psicométricas que justificam o uso do APSD-SR na população juvenil portuguesa. Foram detectadas algumas *nuanças* na estrutura factorial, mas estas são consistentes com o argumento de alguns autores

(e.g., Fritz, Ruchkin, Kaposov, & Klinteberg, 2008) de que a estrutura factorial do APSD-SR poderá apresentar algumas variações consoante as culturas diferentes dos participantes. De salientar que, tanto quanto é do nosso conhecimento, esta é a primeira vez que se tenta validar com sucesso um instrumento de medida de traços psicopáticos em jovens portugueses, especificamente o APSD que é um dos mais utilizados na avaliação da psicopatia juvenil a nível internacional (Patrick, 2010).

De uma forma geral o presente estudo permitiu demonstrar a utilidade do APSD-SR como instrumento de triagem generalizável à realidade cultural portuguesa, sendo que este instrumento poderá servir como meio de identificação precoce de adolescentes com traços psicopáticos altos e assim fornecer uma base sólida para intervenções direccionadas e mais eficientes do ponto de vista de custo/benefício. Devemos, todavia, salientar que serão necessários procedimentos psicométricos a efectuar no futuro (e.g., validação cruzada; validade concorrente com o PCL:YV) de forma a complementar os efectuados na presente investigação.

Referências

- American Psychiatric Association. (2000). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4th ed., text revised). Washington, DC: APA.
- Ballard, R. (1992). Short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Psychological Reports, 71*, 1155-1160.
- Baron, S. (1995). Serious offenders. In J. Creechman & R. Silverman (Eds.), *Canadian Delinquency* (pp. 135-147). Scarborough: Prentice Hall.
- Barry, C., Grafeman, S., Adler, K., & Pickard, J. (2007). The relations among narcissism, self-esteem, and delinquency in a sample of at-risk adolescents. *Journal of Adolescence, 30*, 933-942.
- Bentler, P. (2004). *EQS 6 Structural Equations Program Manual*. Encino, CA: Multivariate Software, Inc.
- Carroll, A., Durkin, K., Houghton, S., & Hattie, J. (1996). An adaptation of Mak's self-reported delinquency scale for western Australian adolescents. *Australian Journal of Psychology, 48*(1), 1-7.
- Caputo, A., Frick, P., & Brodsky, S. (1999). Family violence and juvenile sex offending. *Criminal Justice & Behavior, 26*, 338-356.
- Clark, L., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment, 7*(3), 309-319.
- Cortina, J. (1993). What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. *Journal of Applied Psychology, 78*(1), 98-104.
- Dadds, M. R., Fraser, J., Frost, A., & Hawes, D. J. (2005). Disentangling the underlying dimensions of psychopathy and conduct problems in childhood: A community study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(3), 400-410.
- DeVellis, R. (1991). *Scale development: Theory and applications*. London: SAGE.
- Elliott, D., & Ageton, S. (1980). Reconciling race and class differences in self-reported and official estimates of delinquency. *American Sociological Review, 45*, 95-110.

- Farrington, D., Loeber, R., & Kalb, L. (2001). Key research and policy issues. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention, and service needs* (pp. 385-394). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Fite, P., Greening, L., Stoppelbein, L., & Fabiano, G. (2009). Confirmatory factor analysis of the Antisocial Process Screening Device with a clinical inpatient population. *Assessment, 16*(1), 103-114.
- Forth, A. (1995). *Psychopathy and young offenders*. Ottawa: Ministry of the Solicitor General of Canada.
- Frick, P., & Hare, R. (2001). *The Antisocial Process Screening Device*. Toronto, Canada: Multi-Health System.
- Frick, P., Barry, C., & Bodin, S. (2000). Applying the concept of psychopathy to children: Implications for the assessment of antisocial youth. In C. Gacono (Ed.), *The clinical and forensic assessment of psychopathy: A practitioner's guide* (pp. 1-24). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Frick, P., Bodin, S., & Barry, C. (2000). Psychopathic traits and conduct problems in community and clinic-referred samples of children: Further development of the Psychopathy screening device. *Psychological Assessment, 12*(4), 382-393.
- Frick, P., O'Brien, B., Wootton, J., & McBurnett, K. (1994). Psychopathy and conduct problems in children. *Journal of Abnormal Psychology, 103*(4), 700-707.
- Fritz, M., Ruchkin, V., Kaposov, R., & Klinteberg, B. (2008). Antisocial process screening device: Validation on a Russian sample of juvenile delinquents with the emphasis on the role of personality and parental rearing. *International Journal of Law and Psychiatry, 31*, 438-446.
- Fung, A., Gao, Y., & Raine, A. (2010). The utility of the child and adolescent psychopathy construct in Hong Kong, China. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 39*(1), 134-140.
- Hambleton, R. (2001). The next generation of the ITC test translation and adaptation guidelines. *European Journal of Psychological Assessment, 17*(3), 164-172.
- Hare, R. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised*. Toronto: MHS.
- Hare, R. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised: Technical manual* (2nd ed.). Toronto, Canada: Multi-Health Systems.
- Harris, G., Rice, M., & Quinsey, V. (1994). Psychopathy as a taxon: Evidence that psychopaths are a discrete class. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 62*, 387-397.
- IBM SPSS. (2010). *IBM SPSS Statistics Base 19*. Chicago, IL: SPSS Inc.
- Kline, P. (2000). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.
- Kotler, J., & McMahon, R. (2005). Child Psychopathy: Theories, Measurement, and Relations with the Development and Persistence of Conduct Problems. *Clinical Child and Family Psychology Review, 8*(4), 291-325.
- Kruh, I., Frick, P., & Clements, C. (2005). Historical and personality correlates to the violence patterns of juveniles tried as adults. *Criminal Justice & Behavior, 92*, 69-96.
- Lee, Z., Vincent, G., Hart, S., & Corrado, R. (2003). The validity of the Antisocial Process Screening Device as a self-report measure of psychopathy in adolescent offenders. *Behavioral Sciences and the Law, 21*, 771-786.
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Moffitt, T. (1993). Adolescent-limited and life-persistent antisocial behaviour: A developmental taxonomy. *Psychological Review, 100*(4), 674-701.

- Muñoz, L., & Frick, P. (2007). The reliability, stability, and predictive utility of the self-report version of the Antisocial Process Screening Device. *Scandinavian Journal of Psychology*, 48, 299-312.
- Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Pardini, D., Lochman, J., & Frick, P. (2003). Callous/Unemotional Traits and Social-Cognitive Processes in Adjudicated Youths. *J. Am. Acad. Child Adolesc. Psychiatry*, 42(3), 364-371.
- Patrick, C. (2010). Conceptualizing the psychopathic personality: Disinhibited, bold, ... or just plain mean? In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 15-48). New York: The Guilford Press.
- Pechorro, P. (2011). *Delinquência juvenil: Estudo de algumas variáveis psicológicas e relacionais com ênfase nos traços psicopáticos*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiares, C., & Vieira, R. (2011). Validação da Escala de Auto-Estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina*, 25(5/6), 174-179.
- Quinsey, V., Harris, V., Rice, M., & Cormier, C. (2006). *Violent offenders: Appraising and managing risk* (2nd ed.). Washington, DC: APA.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the Self*. New York: Basic Books.
- Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image* (revised edition). Middletown: Wesleyan University Press.
- Salekin, R. (2010). Treatment of child and adolescent psychopathy: Focusing on change. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 343-373). New York: The Guilford Press.
- Salekin, R., & Lynam, D. (2010). Child and adolescent psychopathy: An introduction. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 1-12). New York: The Guilford Press.
- Seagrave, D., & Grisso, T. (2002). Adolescent development and the measurement of juvenile psychopathy. *Law and Human Behavior*, 26, 219-239.
- Van de Vijver, F., & Hambleton, R. (1996). Translating tests: Some practical guidelines. *European Psychologist*, 1, 89-99.
- Verona, E., Sadeh, N., & Javdani, S. (2010). The influences of gender and culture on child and adolescent psychopathy. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 317-342). New York: Guilford Press.